

O ENFRENTAMENTO DO CAOS: COMO A PANDEMIA ALTEROU O SUBJETIVO DOS PROFESSORES E AS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.

ANA PAULA MENNA ALVES¹; JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ²

¹*Universidade Federal de Pelotas – aninhapaulamennaalves.apma13@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – josiwikboldt@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho é apresentado o desenvolvimento da primeira etapa da pesquisa intitulada *Subjetividades docentes em tempos de caos: criações*, que tem como um dos objetivos compreender as estratégias dos professores para enfrentar o ERE (Ensino remoto emergencial) e refletir sobre o impacto dessa transição nas práticas de ensino-aprendizagem. A investigação é desenvolvida por alunas e alunos de graduação participantes do *Ateliê de estudos e pesquisa: docência, diferença e subjetividades* (FaE-UFPEl/instagram: @atelie_deestudos), desde o ano de 2023. Tendo isso em vista, surgiu-nos a seguinte questão: quais são os impactos na condição pedagógica e subjetiva dos professores diante do desafio imposto pelo ERE?

Utilizamos como referencial teórico os estudos referentes ao texto “O ato de criação” de Deleuze (1999), “O que é a filosofia?” de Deleuze e Guattari (2010) e “O que se transcria em educação?” de Corazza (2013). Dessa maneira, consideramos a pandemia como um período de caos ao qual inevitavelmente tivemos que nos adaptar, acarretando na constituição do ERE como uma possível solução para o seguimento das atividades educacionais, o qual demandou dos professores, na maioria dos casos, um processo de criação para enfrentarem o contexto pandêmico e permitirem a continuação do processo de ensino. Estas criações não só alteraram as práticas pedagógicas dos docentes como também o seu subjetivo, sendo esta a reflexão que permitiu que este trabalho se realizasse de forma relacional entre a educação e a filosofia.

2. METODOLOGIA

Como forma de embasar a primeira etapa da pesquisa, realizamos um exercício de revisão bibliográfica, na qual foram selecionados 21 artigos de um total de 60 com o foco em “práticas pedagógicas no ensino remoto”. As publicações foram retiradas dos principais bancos de dados com publicações na área da educação. Dentre eles estão o Scielo, Portal da Capes, Google Acadêmico e Academia.edu.

Com a apuração de fontes para a pesquisa feita, agrupamos os achados da categoria Ensino Remoto Emergencial (ERE) em três divisões: ERE na educação básica, no ensino superior e ERE de maneira geral. Após a divisão destas categorias, os artigos passaram por uma leitura compassada e analítica, pela qual tiveram seus conteúdos extraídos e organizados por meio de fichamentos, contendo informações do texto, bem como fonte, título, periódico, base de dados, ano de publicação.

Para complementar o método de coleta de dados e ampliar as possibilidades da pesquisa, o grupo organizou um evento de extensão, no qual foi proporcionado o encontro com quatro profissionais que atuaram durante o ERE, nos diferentes

níveis educacionais, em escolas públicas e privadas, no Brasil e no exterior. Essa iniciativa permitiu ampliar as perspectivas de análise em relação às transformações paradigmáticas e seus impactos no exercício da docência diante do novo cenário educacional, na tentativa de perceber as micro relações engendradas nas diferentes experiências das professoras em sua atuação pedagógica.

Por fim, buscamos relacionar os achados aos estudos empreendidos na perspectiva das filosofias da diferença de Deleuze e Guattari (1995) e Corazza (2013). Esses referenciais têm auxiliado na compreensão do processo de criação docente em contexto de ERE, de que modo isto veio a impactar não apenas a prática profissional, mas também a autoimagem e a compreensão da docência enquanto profissão do social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como produto da pesquisa, obtivemos a escrita e a publicação de dois artigos, sendo eles “A docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade” (Gonçalves; Alves; Schwantz, 2024) e “A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas” (Silva; Schwantz, 2024). O primeiro consiste na revisão bibliográfica do grupo de artigos que se enquadram na categoria “ERE de maneira geral” enquanto o segundo analisou os artigos das categorias “ERE na educação básica” e “ERE no ensino superior”, somados aos relatos das professoras convidadas para o evento de extensão. Com base no que foi escrito nas publicações da pesquisa, é possível compreender as estratégias dos professores para enfrentar o ERE e refletir sobre o impacto dessa transição nas práticas de ensino-aprendizagem. Ademais, também chegamos a algumas compreensões diante da pergunta: Quais são os impactos na condição prática pedagógica e subjetiva dos professores diante do desafio imposto pelo ERE?

Segundo Silva e Schwantz (2024), um dos maiores impasses durante o período do ERE foi a adaptação à continuidade das atividades por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), por parte dos docentes e dos discentes, uma vez que nem todos estavam preparados para essa mudança repentina dos padrões escolares. Importante ressaltar que a adesão das TICs para o período de isolamento social foi o que permitiu o escancaramento das disparidades já existentes. Essa mudança abrupta e sem preparos trouxe diversos impasses, dentre eles angústias e inseguranças, devido ao distanciamento das relações sociais e a falta de prática com as novas tecnologias que agora eram mandatórias para o ensino.

Nesse cenário, a solidão emergiu como uma realidade dolorosa para estudantes e professores, acostumados ao ambiente presencial, onde a interação era uma parte integral do processo de aprendizado. Para muitos, a transição abrupta para o ERE foi difícil, pois aqueles acostumados à interação diária com as pessoas se viram totalmente isolados. Tal sentimento, não apenas afetou seu bem-estar emocional mas, também, sua motivação e desempenho, pois muitos não tinham recursos tecnológicos nem emocionais para frequentarem as aulas (Gonçalves; Alves; Schwantz, 2024).

Tendo em vista esse cenário de dúvidas, estranhamentos e incertezas, é possível caracterizá-lo como um “caos”. Para Deleuze e Guattari (2010) o caos é tudo aquilo que abala o nosso plano de normalidade. Algo que não se encontra dentro da nossa zona de conforto, sem termos recursos para comprehendê-lo, pois foge daquilo com o qual estamos acostumados. Inclusive, este caos chega até a

ferir nossa capacidade epistêmica, uma vez que para pensarmos e conhecermos algo, necessitamos de normas que nos deem sustentação e segurança.

Consequentemente, como uma maneira de manejá-lo esse caos vivido no período da pandemia, os professores tiveram que se reinventar perante a necessidade de continuar o processo de ensino. Segundo Deleuze (1999, p. 3), “para criar é preciso que haja uma necessidade, tanto em filosofia quanto nas outras áreas, do contrário não há nada [...]. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade”.

Os docentes, agora fora de suas zonas de conforto, longe do ensino tradicional, precisaram rever as suas posições enquanto docentes, para que então pudessem dar conta de recriar as suas práticas pedagógicas, uma vez que a modalidade de ERE dispensava o efetivo trabalho de mediação, interação e diálogo que eles efetuavam em práticas presenciais.

Conforme Silva e Schwantz (2024), como forma de domarem a situação adversa, os docentes buscaram abordagens criativas e reflexivas, utilizando as tecnologias a seu favor como método balizador e intermediário para se aproximar da realidade existente e suas novas formas de ser e existir. Buscou-se pela implementação de metodologias ativas como forma de garantir o engajamento e participação das(dos) estudantes durante as aulas remotas. Essas metodologias incluíram leituras e escritas, tutoriais através de videoaulas, sala de aula ao inverso, espaços para diálogo e resolução de problemas.

Além das metodologias ativas, as quais desafiavam a visão tradicional de ensino anterior ao ERE, outro ponto fundamental das mudanças metodológicas foi a aproximação da família e da casa. O que antes era uma relação de ensino-aprendizagem apenas entre o aluno e o professor na escola, com a pandemia esse cenário mudou, passando a ocorrer de maneira distanciada, cada um em seus lares, mediados por plataformas digitais, junto aos responsáveis dos estudantes. Isso, inclusive, foi algo relatado por algumas das professoras convidadas para o projeto de extensão, a qual destacou, em seu relato de experiência, como a aproximação do trabalho docente e suas práticas com a família foi um fator importante para a mediação da ação educativa em tempos de distanciamento, aproximando práticas de intuito exploratório e lúdico (Silva; Schwantz, 2024).

Com isso em vista, é possível afirmar que houve um processo de ressignificação da educação, tanto para os discentes quanto para os docentes. Por exemplo, aquilo que antes era relacionado apenas à recreação, como o celular e a internet, passaram a assumir um papel essencial para a continuidade do ERE. Esta é uma exemplificação de conceitos que antes encarávamos como algo dado, com um significado específico e inalterável. Não pensávamos de maneira recorrente na possibilidade desses objetos serem instrumentalizados de forma integral às práticas pedagógicas. Contudo, durante o ERE, foi exatamente isso o que ocorreu. É nesse sentido que essas ferramentas foram adquirindo novos significados, ainda que retenham, em conjunto, os antigos. Isso representa uma grande mudança no subjetivo daqueles que são atores no processo de ensino-aprendizagem. Agora, para além de suas funções antigas, também os atrelamos, na maioria dos casos, como objetos indissociáveis do ensino atual.

Para concluir, nos apoiamos na teoria de Corazza (2013, p. 98), a qual afirma que “aquele educador que sabe que a criação é sempre um processo de autocriação, de criação de si; ou seja, um diferenciar, diferenciando-se”. Acreditamos que esse processo de autocriação dos docentes foi justamente o que permitiu que o ERE continuasse, apesar das dificuldades. Ao serem abalados pelo caos e terem o seu processo subjetivo afetado, os sujeitos modificaram a

concepção que tinham de si e de seu papel na ocupação de professor. A partir dos estudos empreendidos, Silva e Schwantz (2024, p. 13) destacam que “nesse sentido, entendeu-se que o papel social do professor não se basta apenas como um mediador de conteúdos, mas sim como um agente integrador das práticas e saberes a partir de sua realidade, com foco na ação extensiva, crítica e reflexiva”.

4. CONCLUSÕES

As reflexões geradas pela pesquisa nos permitiram perceber como o ERE significou um certo enfraquecimento no paradigma de como o ensino deve funcionar. Como uma resposta a mudança subjetiva dos docentes, neste caso a forma como eles encaravam a própria ocupação, houve a utilização das TICs, a adoção de metodologias ativas e o entrelaçamento entre a escola e a família que eram vistas como desnecessárias ou até mesmo como impensáveis antes do ERE. Contudo, apesar do fim do distanciamento social, e por consequência do ERE, estas mudanças foram tão fortes, e o ensino passou por tantos processos de ressignificação, que a educação na forma como ela era anterior ao período de pandemia nunca retornou de maneira exata. Um exemplo para isso é justamente o estreitamento entre família e escola. Se antes era inadmissível criar um grupo no Whatsapp com pais e professores, agora tornou-se algo comum. Por fim, importante ressaltar a relevância que este assunto tem para os estudos em educação, visto que o ERE mudou a forma de enxergar o processo de ensino-aprendizagem, o que torna importante a realização de cada vez mais estudos acerca do tema. A pesquisa continua neste semestre, numa segunda etapa, com o objetivo de mapear os processos inventivos docentes, a partir dos princípios do método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORAZZA, S. M. **O que se transcria em Educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, G. **O ato de criação.** Trad. José Marcos Macedo. Folha de São Paulo, São Paulo, 27 jun. 1999. Caderno Mais, p. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 3^a ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

GONÇALVES, M. S.; ALVES, A. P. M.; SCHWANTZ, J. W. A docência em contexto pandêmico e os impactos na subjetividade. **Revista Semiárido De Visu**, Pernambuco, v. 12, n. 2, p. 807–822, 2024. Disponível em: <https://semiaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/rsdv/article/view/1062>

SILVA, J. T.; SCHWANTZ, J. W. (2024). A docência em tempos de caos: efeitos da pandemia nas práticas pedagógicas. **Educação Em Foco**, Juiz de Fora, v. 29, n. 1, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/e29027>